



Maconhabrás

by: Elizaldo Carlini

ISSN: 2764-0140

Coordenação: Joaquim Maurício Duarte-Almeida | Ricardo Tabach

Edição: Brayan Jonas Mano Sousa

Revisão: Eliana Rodrigues e equipe

DOI: 10.5281/zenodo.15677801

CEBRID
Centro Brasileiro de Informações
sobre Drogas Psicotrópicas

Editorial

A Regulamentação da *Cannabis* tem novos Prazos

Nesta edição:

Editorial	1
Cannabis em Foco	2
Atualidades	3
Desvendando Hist	3
CannNews	4
Cannabis na Mídia	4

A normativa que permitiria o cultivo de *Cannabis* no Brasil, inicialmente prevista para maio deste ano, foi adiada. O governo federal, por meio da Advocacia-Geral da União (AGU), apresentou ao Superior Tribunal de Justiça (STJ) um Plano de Ação para regulamentar e fiscalizar a produção e o acesso a derivados de *Cannabis* exclusivamente para fins medicinais.

O plano reconhece, oficialmente pela primeira vez, a relevância dos arranjos produtivos já existentes no país, incluindo associações de pacientes (responsáveis pelo atendimento de cerca de 672 mil pessoas e pela geração de mais de 560 empregos diretos), a indústria farmacêutica, laboratórios públicos, detentores de saberes tradicionais e o setor agrícola.

As medidas necessárias foram elaboradas por um Grupo de Trabalho (GT) com representantes de diversos órgãos governamentais: Ministérios da Saúde, do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar, e do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, além da AGU, da Secretaria de Relações Institucionais e da Anvisa.

Após a decisão do STJ, o GT executou uma série de ações estratégicas entre 2024 e 2025. Em dezembro de 2024, foi aprovado o relatório final do GT vinculado ao Ministério da Justiça, com recomendações para regulamentar o uso medicinal, terapêutico, científico e industrial da *Cannabis*, a partir de consultas com associações, empresas, laboratórios, conselhos profissionais e representantes da sociedade civil.

Em março de 2025, foi criado um grupo de trabalho no Conselho Nacional de

Desenvolvimento Econômico, Social e Sustentável para discutir os impactos econômicos da decisão judicial. No mesmo mês, a Anvisa abriu a Consulta Pública nº 1.316 para revisar a RDC nº 327/2019, visando atualizar as normas sobre fabricação, prescrição e comercialização de medicamentos à base de *Cannabis*. Em abril, o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) notificou a Organização Mundial do Comércio sobre os requisitos fitossanitários para a importação de sementes. Paralelamente, a Anvisa elaborou uma minuta de resolução para modificar a Portaria nº 344/1998, incluindo uma exceção para o cultivo de cânhamo com até 0,3% de THC. A proposta foi adiada para incorporar os resultados do plano de ação em curso.

O MAPA participa da discussão por considerar que é de sua competência regulamentar a prescrição por médicos veterinários, o cultivo agrícola, a importação de sementes e o registro de produtores, definindo quem pode produzir, como se registrar e sob quais critérios.

A expectativa é que as normas sejam publicadas até setembro de 2025.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. *Plano de ação para regulação e fiscalização da produção e acesso a derivados de Cannabis para fins exclusivamente medicinais*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2025. 80 p. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa>. Acesso em: 11 jun. 2025.

Esse editorial foi redigido por Joaquim Maurício Duarte Almeida. Coordenador do boletim Maconhabrás e professor na UFSJ.

O uso *medicinal* da *Cannabis* é prescrito para estimular o apetite em pacientes específicos, como em quimioterapia. Já o *recreativo*, associado ao THC, desencadeia a "larica" – aumento de fome e preferência por alimentos calóricos. Mas será que esse consumo impacta o comportamento alimentar e o peso a longo prazo? Estudos buscam entender essa relação, especialmente em contextos não médicos.

Cannabis e comportamento alimentar: O THC estimula o apetite, a compulsão e o prazer em comer (efeito conhecido como "larica"). *Embora muitos estudos sejam em modelos animais, pesquisas com humanos confirmam que o THC intensifica a fome, reduz a saciedade e aumenta a preferência por alimentos calóricos. Um estudo mostrou que usuários regulares consomem mais comidas gordurosas do que não usuários, mas sem diferença significativa no IMC entre os grupos.*

Cannabis e transtornos alimentares: Há relatos de compulsão alimentar entre usuários, em adultos, a frequência de uso não se correlaciona diretamente com sintomas alimentares. Entretanto, em jovens universitários, o **uso recreativo** de *Cannabis* à piora transtornos como anorexia, bulimia e compulsão alimentar. Homens com transtornos alimentares têm maior comorbidade com dependência de *Cannabis* (50%) em comparação com as mulheres (menos de 20%). Isso sugere que, embora transtornos alimentares sejam menos comuns em homens, a sobreposição com o uso recreativo *Cannabis* é maior neles.

Pacientes com transtornos alimentares frequentemente apresentam dependência no uso recreativo de *Cannabis*, possivelmente devido a dificuldades em controlar emoções e impulsos. Outra hipótese é que esses indivíduos tenham maior sensibilidade a recompensas (como

comida ou drogas) e menor preocupação com consequências negativas. Quando enfrentam emoções como culpa ou depressão, tendem a recorrer a comportamentos compulsivos, criando um ciclo vicioso.

Cannabis e peso corporal: Apesar do aumento do apetite, o uso recreativo de *Cannabis* não está associado a ganho de peso. Alguns estudos até indicam menor prevalência de obesidade entre usuários. Em análises de longo prazo, o IMC aumenta com a idade, mas o incremento é menor em consumidores de *Cannabis*. Uma hipótese é que usuários tenham expressão diferenciada de receptores canabinoides, afetando o metabolismo, mas as pesquisas ainda são preliminares.

Além disso, é importante diferenciar THC e o CBD: enquanto o THC estimula a fome, o CBD está associado à redução do apetite e a uma maior saciedade.

Conclusão: Pacientes com transtornos alimentares devem ser avaliados quanto ao uso de *Cannabis*, já que o consumo impacta o comportamento alimentar. Apesar de alguns estudos associarem *Cannabis* a IMC mais baixo, as evidências são inconsistentes. Com a legalização da *Cannabis* em vários países, é essencial entender melhor seus efeitos sobre a alimentação e sua relação com transtornos alimentares.

Referências

Goodpaster, K. P. (2025). *Cannabis, Weight, and Weight-Related Behaviors*. **Current Obesity Reports**, v. 14, n. 1, 1-9. <https://doi.org/10.1007/s13679-025-00633-z>

Quando pensamos na história da *Cannabis sativa*, é comum surgirem imagens de rituais orientais, usos medicinais ancestrais ou da repressão moderna. Mas há um capítulo quase sempre ignorado: o protagonismo das mulheres na transmissão dos saberes. Antes da proibição no século XX, essa planta era usada em contextos ginecológicos, obstétricos e em rituais femininos, conduzidos, muitas vezes, por parteiras e curandeiras.^{1,2}

Em diversas culturas, essas mulheres preparavam extratos para aliviar dores do parto, cólicas menstruais, conter hemorragias e para reduzir a ansiedade. No Egito antigo, papiros médicos já mencionavam o seu uso para “resfriar o útero”. Na Índia, preparações de *bhang* eram usadas por mulheres para cólicas e equilíbrio emocional.

Com a ascensão da medicina alopática e a repressão religiosa, esse conhecimento passou a ser visto como superstição ou bruxaria. Mulheres que dominavam essas práticas foram perseguidas, e a planta, associada ao que era pagão e perigoso.

Hoje, à medida que estudos científicos confirmam os usos terapêuticos da *C. sativa*, é importante reconhecer que muito desse saber já existia, apenas não foi validado por estudos clínicos e científicos. Ignorar essa dimensão histórica é repetir o apagamento de vozes que, mesmo silenciadas, mantiveram a relação com a planta viva por séculos.³

Referências

1. Russo, E. (2002). *Cannabis* treatments in obstetrics and gynecology: a historical review. **Journal of Cannabis Therapeutics**, v. 2, n. 304.
2. Clarke, R. C.; Merlin, M. D. (2016). *Cannabis: Evolution and ethnobotany*. Berkeley: University of California Press. 452 p.
3. Shepard, G. (2005) Psychoactive botanicals in ritual, religion, and shamanism. In: *Etnopharmacology: Encyclopedia of life support systems*. Oxford: UNESCO.

Além do CBD e do THC, outros fitocannabinoides menos conhecidos, como CBG, CBDV, CBC, CBN, THCV e THCA, apresentam propriedades neuroprotetoras promissoras, conforme revisão publicada no *British Journal of Pharmacology*. Esses compostos podem auxiliar no tratamento de doenças como epilepsia, Parkinson, Huntington e esclerose múltipla, que ainda carecem de tratamentos eficazes.

O CBG modula a inflamação e atua como agonista de PPAR- γ , mostrando eficácia em modelos de Huntington e Parkinson. O CBDV demonstrou efeitos anticonvulsivantes, enquanto o CBC tem ação anti-inflamatória e neurogênica. O THCV modula receptores canabinoides com potencial para epilepsia e Parkinson, e o THCA (precursor inativo do THC) exibe neuroproteção via PPAR- γ , apesar de sua instabilidade química.

Apesar dos resultados promissores em animais, ensaios clínicos ainda não superaram o placebo em humanos, sugerindo ajustes nas dosagens e nas formulações. Desafios como farmacocinética, biodisponibilidade e interações medicamentosas também permanecem pouco explorados.

O futuro da pesquisa depende de estudos translacionais robustos, que combinem diferentes fitocannabinoides para otimizar efeitos terapêuticos e minimizar reações adversas. Colaborações multidisciplinares entre farmacologistas, neurologistas e agências regulatórias são essenciais para transformar essas descobertas em tratamentos viáveis.

Esta revisão destaca o potencial negligenciado desses compostos, reforçando a necessidade de investigações mais aprofundadas para oferecer novas opções terapêuticas a milhões de pacientes.

Referências

1. Stone, N. L., et al. (2020). A systematic review of minor phytocannabinoids with promising neuroprotective potential. *British journal of pharmacology*, 177(19), 4330–4352. <https://doi.org/10.1111/bph.15185>

Anote na Agenda!

Por Daniella Georgopoulos Callo

Os congressos e cursos são uma ótima oportunidade para se discutir e esclarecer os diversos aspectos (medicinal, regulatório, cultivo) ligados ao tema. Abaixo, alguns eventos, anote em sua agenda!

III Seminário sobre Maconha no Brasil Contemporâneo (SMBC)

Data: 02-03 de julho de 2025

Local: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Rio de Janeiro/RJ

PopCann (1 Encontro Popular da Cannabis sativa.).

Data: 12 de julho de 2025

Horário: das 8:30-19:30h

Local: Espaço Cultural Elza Soares - Alameda Eduardo Prado, 474 - Campos Elíseos, São Paulo/SP

9º Expo Head Grow

Data: 23 a 24 de agosto de 2025

Local: Arena Neo Química – São Paulo/SP

ICRS 2025 (International Cannabinoid Research Society Symposium)

Data: 06 e 10 de julho de 2025

<https://www.icrs.com/registration>

Local: Memorial Union Building da Universidade de Indiana, em Bloomington – Indiana/EUA



A Inacabada Jornada da Cannabis e seu Horizonte Terapêutico

Por Daniella Georgopoulos Callo

Em abril deste ano, a comunidade científica foi surpreendida por um estudo conduzido por pesquisadores da Coreia do Sul, que conseguiram isolar e identificar onze diferentes constituintes químicos a partir das flores de *Cannabis sativa*. O objetivo da pesquisa foi avaliar o potencial efeito antitumoral desses compostos em linhagens celulares de neuroblastoma – um tumor sólido do sistema nervoso central, frequente na oncologia pediátrica.

Um dos aspectos mais relevantes do estudo foi a descoberta de um novo fitocanabinoide, o cannabielsoxa, além da identificação inédita de quatro compostos do tipo clorina, também presentes nas flores da planta. Ainda mais significativo, sete dos onze compostos avaliados, incluindo canabinoides já conhecidos como o CBD e o CBDA, demonstraram forte atividade inibitória na proliferação, *in vitro*, das células de neuroblastoma.

Segundo os autores, extratos de *Cannabis* com alto teor de canabinoides representam alternativas promissoras para o tratamento desse tipo de câncer, justificando a necessidade de estudos *in vivo*. Apesar das limitações regulatórias, técnicas computacionais como a ancoragem molecular (molecular docking) permitem simular, *in silico*, a interação entre moléculas e seus alvos biológicos, auxiliando na previsão de efeitos farmacológicos mesmo sem validação experimental.

Esses avanços ampliam a compreensão sobre a farmacologia da *Cannabis* e abrem caminhos para o desenvolvimento de novas terapias, oncológicas ou não, em um campo de estudo ainda vastamente inexplorado.

Referências:

Nguyen, Tuan-Quoc et al. New Cannabinoids and Chlorin-Type Metabolites from the Flowers of *Cannabis sativa* L.: A Study on Their Neuroblastoma Activity. **Pharmaceuticals**, v. 18, n. 4, p. 521, 2025. DOI: 10.3390/ph18040521

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/392732398>

Maconhbrás N 22

Technical Report · June 2025

DOI: 10.5281/zenodo.15677800

CITATIONS

0

READS

4

6 authors, including:



Joaquim Maurício Duarte-Almeida
Federal University of São João del-Rei

102 PUBLICATIONS 1,658 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



Ricardo Tabach
Universidade de Santo Amaro

72 PUBLICATIONS 803 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



Brayan Jonas Mano-Sousa
Federal University of São João del-Rei

45 PUBLICATIONS 132 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



Eliana Rodrigues
Federal University of São Paulo

76 PUBLICATIONS 1,549 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)